

Francês diz que 'Brasil velho' levou a melhor

Fritz Utzeri

PARIS — O sociólogo Alain Touraine disse ontem a um grupo de jornalistas latino-americanos que a adoção do presidencialismo, pela Constituinte, foi uma vitória do Brasil velho sobre o Brasil novo. Diretor de altos estudos de Ciências Sociais da Universidade de Paris e um dos maiores especialistas franceses em América Latina, Touraine acaba de publicar seu último livro sobre o continente, *A pedra e o sangue*.

Segundo o sociólogo, o Brasil mais atrasado que prevaleceu é controlado por um esquema populista, semelhante ao

que existia no tempo da política dos governadores, na República Velha, e não por um regime de representação, como ocorre nas democracias parlamentares da Europa. O apoio que partidos como o PT e o PDT deram ao presidencialismo encaixa-se nessa lógica, já que, segundo Touraine, o primeiro representa uma espécie de neo-populismo urbano e o segundo, o populismo nacional à antiga.

Populismo — Na opinião do sociólogo, a votação mostrou que o Brasil é menos moderno do que pensa, mas, ao mesmo tempo, mais moderno do que os europeus costumam considerá-lo. Para ele, enquanto as forças mais conservadoras fecharam em torno do presidencialismo, o Brasil mais moderno, no sul, tenderia ao parlamentarismo. Touraine não excluiu o PMDB de sua crítica, chamando-o de força tradicional próxima do velho pensamento populista, pensamento que envolve mesmo as Forças

Armadas. Mas, apesar da mobilização de lideranças fardadas em torno do presidencialismo, o sociólogo não acredita na possibilidade de intervenção militar, pelo menos no estágio atual do processo político. Segundo ele, os militares sabem que não teriam soluções para os problemas econômicos e internacionais do país.

A adoção do presidencialismo foi registrada ontem pelo jornal *Le Monde* com uma charge que mostra o presidente José Sarney amarrado à sua cadeira com um cinto de segurança, enquanto uma mulher, que lê um jornal, lhe diz: "Aparentemente o senhor pode ficar". O jornal, depois de observar que Sarney venceu "em toda a linha", fala das advertências dos militares, que chama de "voz dos urutus".

Le Monde registra ainda que outro meio empregado para garantir a permanência do presidencialismo teria sido a corrupção.



Covas (D) não aceita o argumento de Sant'Anna para mudar a ordem de votação

Covas tenta impedir que seja votado logo mandato de Sarney

BRASÍLIA — A manobra do líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna, para antecipar a votação do mandato do presidente José Sarney começou a ser desarmada no plenário pelo líder do PMDB, senador Mário Covas, e pelo próprio presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães.

O mandato de Sarney consta das Disposições Transitórias, último capítulo da Constituição, que só deverão entrar em pauta dentro de dois meses. Sant'Anna quer que em seguida ao capítulo do Poder Executivo, ainda em discussão, os constituintes definam a duração do governo Sarney. Ele argumenta que os assuntos são correlatos.

No dia 20 de setembro do ano passado, ainda na fase da Comissão de Sistematização, Sant'Anna usou o mesmo argumento, na tentativa de fixar o mandato de Sarney antes da conclusão do projeto de Constituição que seria submetido ao plenário. O deputado Ulysses Guimarães não respondeu a consulta do líder do governo na Câmara.

Ontem, o senador Mário Covas usou o microfone de apertar no plenário para perguntar se a Mesa recebera requerimento ou consulta verbal de Sant'Anna com o objetivo de inverter a ordem de votações. Ulysses respondeu que nada havia, mas acrescentou: "Se houver, responderei com base no regimento."

O deputado José Genoíno (PT-SP) aproveitou para lembrar à Mesa que, na época da consulta feita por Sant'Anna na Comissão de Sistematização, o regimento da Constituinte era um e agora está em vigor o do *Centrão*, aprovado em janeiro, que no artigo 9º, parágrafo 3º, diz: "Não será aceito requerimento que altere a ordem de votação de título capítulo, seção ou subseção."

Ao encerrar a sessão, o deputado Ulysses Guimarães disse ao líder Carlos Sant'Anna que procuraria inteirar-se do requerimento apresentado à Comissão de Sistematização, para decidir sobre a possibilidade de antecipar a votação do mandato do presidente Sarney.

Moção de censura pára Constituinte

A falta de acordo sobre a moção de censura da Câmara dos Deputados a ministros, prevista na emenda presidencialista do senador Humberto Lucena (PMDB-PB), paralisou os trabalhos da Constituinte, que só deverá voltar a funcionar na terça-feira da próxima semana.

Pela emenda Lucena, a moção de censura a ministros só passará com o voto de dois terços da Câmara. O deputado

Eduardo Bonfim (PC do B-AL) apresentou proposta que reduz o quórum para maioria absoluta (metade mais um). Os líderes do PFL, do PDS e do PTB anunciaram que suas bancadas não votariam; os líderes do PMDB, do PDT e do PT anteciparam que seus partidos votariam contra.

O painel eletrônico do plenário registrou

apenas 198 votos, mas eram necessários pelo menos 280 para deliberação. O presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, encerrou a sessão e convocou os líderes para discutir a moção de censura na terça-feira. Como não haverá sessão no fim de semana, é provável que até lá nada seja votado na Constituinte.

Fogaça quer adequar texto

O senador José Fogaça (PMDB-RS) entregou ao presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, projeto de resolução pedindo a formação de uma comissão revisora - composta pelo relator Bernardo Cabral (PMDB-AM) e mais seis parlamentares indicados por Ulysses - para fazer modificações na emenda de Humberto Lucena, aprovada terça-feira, e adequar o capítulo sobre o Poder Legislativo ao sistema presidencialista.

Fogaça fez a proposta numa reunião de líderes parlamentaristas como os senadores José Richa (PMDB-PR), Nelson Carneiro (PMDB-RJ) e Mário Covas (PMDB-SP), e os deputados Wilson de Souza (PMDB-SC), José Serra (PMDB-SP) e Egídio Ferreira Lima (PMDB-CE). O senador gaúcho explicou que da forma como está estruturado o Capítulo IV, que trata do sistema de governo e organização dos poderes, o presidente da República fica com todas as atribuições e responsabilidades, mas sem os meios para executá-las.

Falhas — Ele aponta outros defeitos na emenda Lucena: "Não cria um conselho de ministros, levando ao isolamento pessoal e político cada ministro; a moção de censura com quórum de dois terços do plenário coloca o ministro na linha de fogo, mas dificilmente o derruba; suprime a função revisora do Senado; põe em risco a autoridade do presidente, uma vez que o quórum para vetos é de maioria absoluta." Além disso, Fogaça lembra que a questão do orçamento neste projeto de Constituição foi organizada para um sistema parlamentarista.

Os senadores José Richa e Mário Covas, embora acreditem ser necessária uma revisão na emenda, acham que quem deve modificá-la são os presidencialistas. "O problema é deles", diz Richa. "Devem chegar a um acordo entre si sobre uma proposta melhor e, depois,

nós diremos o que achamos". O líder do PFL, José Lourenço, que sempre acreditou no sucesso do presidencialismo e, por isso, foi apontado como o grande vitorioso depois da votação de terça-feira, não gostou muito da idéia:

"O Fogaça já fez muitas propostas que não deram em nada. Acho isso meio perigoso, porque ele pode na verdade estar querendo fazer modificações para fazer o parlamentarismo dentro do presidencialismo. E depois, desde terça-feira eu só falo com os vitoriosos".

O líder do PDS, Amaral Neto (RJ), apóia a idéia e acha que fala também em nome do presidente do partido, senador Jarbas Passarinho (PA). "Precisamos fazer alguma coisa para arrumar esse rinoceronte com cabeça de avestruz que aprovamos aqui".



Fogaça

D. Mora passa bem depois de operar fêmur

SÃO PAULO — Durante aproximadamente três horas, D. Mora, mulher do presidente da Câmara dos Deputados e da Constituinte, Ulysses Guimarães, foi submetida de manhã a uma intervenção cirúrgica no colo do fêmur esquerdo, no Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, onde está internada desde a tarde de quarta-feira. A operação, que teve início às 7h da manhã e terminou por volta das 10h30min, foi comandada pelo professor Marco Martins Amatuzy, chefe do departamento de ortopedia do hospital.

O boletim médico divulgado logo a seguir informou a que a operação "ocorreu sem acidentes", e a paciente passava bem. Segundo informações de funcionários do hospital, terminada a cirurgia ela foi transferida para a unidade de terapia semiintensiva, onde permaneceu acompanhada de uma irmã e da filha, Celina. Um médico amigo da família informou ainda que o deputado Ulysses Guimarães acompanhava tudo de Brasília, por telefone, ligando de hora em hora. Até o meio da tarde, ele ainda não havia chegado a São Paulo.

